

# A EPIFANIA NOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

## EPIPHANY IN THE SHORT STORIES OF LYGIA FAGUNDES TELLES



**HOSANA AMÉLIA SYLVESTRE CORREIA**

Graduação em Letras, com habilitação em Português/Francês pela Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP (2016); Especialista em Metodologia e Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2018); Professora de Ensino Fundamental II – Língua Portuguesa – na EMEF City Jaraguá IV.

### RESUMO

Este artigo organiza algumas definições específicas sobre o gênero conto e sobre o significado do conceito de epifania no universo literário. Procuramos mostrar brevemente como este conceito vem sendo associado à literatura de Clarice Lispector e, em seguida, apontamos algumas coincidências formais e temáticas entre o universo ficcional de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. Analisamos seu conto *Natal na Barca* (1958), presente no livro *Antes do Baile Verde* (1970), e identificamos a ocorrência do fenômeno literário da epifania.

**Palavras-chave:** conto literário; epifania; Clarice Lispector; Lygia Fagundes Telles

### ABSTRACT

This article outlines specific definitions regarding the short story genre and the meaning of the concept of epiphany within the literary realm. We briefly examine how this concept has been associated with the literature of Clarice Lispector and subsequently highlight formal and thematic parallels between the fictional worlds of Clarice Lispector and Lygia Fagundes Telles. We analyze the short story "Natal na Barca" (1958)—included in the collection *\*Antes do Baile Verde\** (1970)—and identify the occurrence of the literary phenomenon of epiphany.

**Keywords:** literary short story; epiphany; Clarice Lispector; Lygia Fagundes Telles

## INTRODUÇÃO

Ouvir e contar histórias são duas atividades inerentes a todos nós, vivemos repletos de narrativas em nosso cotidiano, ouvimos e contamos histórias com uma frequência que talvez nos passe despercebido.

O gênero conto, originalmente de transmissão oral, evoluiu ao longo da história para o seu registro escrito e, posteriormente, para a criação escrita de narrativas que, em geral, repercutem aspectos exteriores ao próprio enredo e refletem, portanto, o mundo: as diversas relações interpessoais, os valores, comportamentos e costumes de uma determinada sociedade; o seu espaço cultural, a época e o próprio meio social em que estão inseridas.

A discussão sobre a definição do que é o conto literário é um tanto quanto controversa, pois há os que admitem uma teoria sobre o conto e propõem definições e a procura da forma e há os que não admitem uma teoria específica e que são contrários às regras e definições prescritivas, reconhecendo que o conto filia-se a uma teoria geral da narrativa.

De fato, o conto é um tipo determinado de narrativa e esta duplicidade de pontos de vista gerou uma enorme bibliografia teórica sobre o gênero.

Segundo a teoria do ficcionista e teórico do conto, Edgar Allan Poe, a especificidade deste gênero está na relação entre a extensão e a reação ou efeito único que a leitura do conto causa no leitor. Para Poe, o conto é superior ao romance, pois ao demandar a leitura atenta de uma só assentada, sem interrupções, consegue um sequestro momentâneo do leitor, deixando-o a mercê da intenção do contista, o que não é possível no caso do romance. Assim, este jamais poderia atingir a unidade de efeito de uma narrativa de curta extensão.

Dada esta característica de gênero de menor extensão (em relação ao romance, por exemplo), outra especificidade que vale ser ressaltada ao tratar do gênero conto diz respeito à economia dos meios narrativos, que muito tem a ver com o objetivo ou a intenção de criar o efeito único ou impressão total no leitor. Para Júlio Cortázar, — um bom conto é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases (CORTÁZAR, 2008, p.152), ou seja, em um bom conto dificilmente encontraremos elementos gratuitos ou meramente decorativos.

Ademais, variam-se os temas e os modos de narrar, existem contos em que a técnica do suspense é predominante perante o enigma, como é o caso dos contos de terror, de mistério e do conto policial, dos quais Poe era mestre. E existem narrativas que são marcadas principalmente pela intriga, ou pela multiplicidade de acontecimentos e que diferem, portanto, daquelas que exploram mais o momento, que narram acontecimentos aparentemente sem grandes ações, sem nada de extraordinário ou fora do comum, e que primam pelo retrato de um detalhe, de um determinado instante.

Nesta pesquisa, nos detivemos em um desses momentos narrativos identificado pelo escritor irlandês James Joyce, em seu livro *Stephen Hero* (1944), como "epifania".

Em um primeiro momento, buscamos e organizamos algumas definições específicas sobre o conceito de epifania e trouxemos algumas associações feitas com este fenômeno na obra da escritora Clarice Lispector.

Depois, apontamos algumas coincidências formais e temáticas entre o universo ficcional de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, sua contemporânea.

Em seguida, fizemos um breve mapeamento da obra de Lygia Fagundes Telles, a fim de elencar as principais características de sua escrita ao longo do tempo. Tentamos assim, dividi-las em períodos, de forma que pudéssemos identificar algumas fases e suas respectivas vertentes temáticas.

Por fim, analisamos o conto “Natal na Barca” do livro Antes do Baile Verde (1970), de Lygia Fagundes Telles, e identificamos a ocorrência do fenômeno literário da epifania.

Com isso, constatamos a presença da epifania na ficção de Lygia Fagundes Telles, visando um aprofundamento futuro do estudo e investigação deste processo ao longo de toda a sua obra.

## EPIFANIA

A palavra epifania, do grego *epiphanéia* (=manifestação, revelação), e pelo latim *epiphania* (=aparição), é um termo originalmente litúrgico e refere-se aos festejos do dia 6 de janeiro (“dia de Reis”) em que se comemora a revelação de Jesus Cristo aos gentios, na pessoa dos Reis Magos. (MOISÉS, 2004, p. 156).

Já sua acepção no sentido literário se deu graças ao escritor irlandês James Joyce que, ultrapassando o sentido religioso, a identificou em seu livro Stephen Hero (1944), como sendo uma “manifestação espiritual súbita” em que um objeto se desvenda ao sujeito ou “um instante de experiência que emerge por uma abrupta revelação interior”, que, segundo Piero Eyben, é capaz de infundir singularidade às coisas comuns. (EYBEN, 2012, p. 15).

Desta forma, o termo epifania, aplicado à literatura, significa “o relato de uma experiência que a princípio mostra-se simples e rotineira, mas que acaba por apontar toda a força de uma inusitada revelação.” (SANT’ANNA, 1973, p. 187).

É, portanto, a percepção de uma realidade atordoante, quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam uma iluminação súbita na consciência dos indivíduos.

## A EPIFANIA EM CLARICE LISPECTOR

Tema recorrente na crítica brasileira, a questão da epifania é largamente associada à obra da escritora Clarice Lispector. Inúmeros são os estudos destinados ao tema, dentre os quais, alguns

denominam a epifania como “instante existencial”, “momento privilegiado” ou mesmo, como é o caso do crítico Benedito Nunes, como “descortino silencioso”.

As personagens da ficção de Clarice Lispector estão mergulhadas no mundo cotidiano e, a partir de uma “percepção reveladora”, são levadas a uma realidade outra ainda não explorada. Este instante é designado como “momento epifânico” da personagem, em que a revelação do mundo sensível se dá através da troca de posições e do intercâmbio entre o observador e o objeto ou a coisa observada. É o caso, por exemplo, do que ocorre com as imagens dos animais, tão presentes em seus textos.

Olga de Sá, em seu livro *A Escritura de Clarice Lispector* (1979), descreve a epifania como um dos aspectos fundamentais para entender a obra da escritora, e pensa que o aprofundamento no estudo deste aspecto ou “processo literário” traz uma contribuição para se avaliar a importância inovadora de Lispector na literatura brasileira. Assim, a autora desenvolve uma aproximação comparativa entre a obra de James Joyce e a de Clarice Lispector buscando aprofundar-se neste aspecto considerado como *técnica narrativa*.

## **APROXIMAÇÕES FICCIONAIS ENTRE CLARICE LISPECTOR E LYGIA FAGUNDES TELLES**

Além do fluxo de consciência e do monólogo interior, a obra de Lygia Fagundes Telles, assim como a de Clarice Lispector, investiga o universo feminino. Em grande parte de suas narrativas a mulher tem papel central.

Desta forma, as figuras femininas inseridas em uma sociedade regulada pela ideologia patriarcal, ganham voz para exteriorizarem seus dramas, angústias e sofrimentos. São personagens profundas e cheias de vida, que buscam suas identidades e que estão em luta por liberdade, assim como qualquer ser humano.

Percebem-se, nas obras de Clarice Lispector, questionamentos, muitas vezes irônicos, a respeito do célebre “destino da mulher”. Seus textos são considerados de difícil leitura, exigindo do leitor uma atenção concentrada, já que a própria autora admitiu diversas vezes escrevê-los em “transe”.

O estilo epifânico de Lispector reverbera não só para a temática de seus escritos (que registram episódios banais do cotidiano que se mostram reveladores para seus personagens), como também para toda a sua obra que é considerada “transfiguradora” da literatura brasileira.

As duas escritoras, contemporâneas e amigas, inserem em suas personagens características complexas como a angústia existencial e as inquietações psicológicas, refletindo sempre sobre o ser humano e a sua condição.

Ainda que distintas em muitos pontos, as vozes de Clarice Lispector e de Lygia Fagundes Telles se identificam no papel que assumiram de mulheres escritoras e intelectuais em um país de Terceiro Mundo, tão frágil em aspectos essenciais, como a educação.

## **A FICÇÃO DE LYGIA FAGUNDES TELLES: A GRANDE DAMA DA LITERATURA BRASILEIRA**

Dona de uma obra artística de imenso valor estético e de grande prestígio crítico, Lygia Fagundes Telles é considerada uma das mais conceituadas escritoras da literatura em língua portuguesa.

Conhecida como “a grande dama da literatura brasileira”, Lygia Fagundes Telles nasceu em São Paulo, mas passou parte de sua infância se mudando por diversas cidades do interior do estado devido à profissão de seu pai. Desde cedo, ouvinte atenta das histórias contadas por suas pajens, a escritora desenvolve a vocação de reproduzir, inventar e contar histórias.

Todavia, não obstante as descrições detalhadas das ambientações externas e internas de seus enredos e personagens, a ficção de Lygia Fagundes Telles não se submete a formas objetivas de significação, deixando o desafio de decifração, a cargo do leitor, seu “cúmplice” no jogo da ficção. Assim, uma das afirmações reiteradas por diversos críticos alerta para a aparente “simplicidade” inculcada na literatura da autora. Esta superficial aparência de uma “leitura fácil e fluente” dada por uma linguagem lúcida e segura, pode esconder mistérios.

A composição técnica e temática de sua literatura é bem mais complexa do que aparenta ser, exigindo do leitor um esforço de compreensão bem mais profundo, que resulta em experiências de leitura extremamente marcantes.

De maneira habilidosa, engajada e, sobretudo, corajosa, a grande dama da nossa literatura, assim como Clarice Lispector e muitas outras, encarou o desafio de ser mulher e escritora em um país de Terceiro Mundo e não se isentou de expor e denunciar conflitos do nosso tempo e sociedade, sendo uma grande testemunha da experiência humana e, deixando registrada em nossas letras, narrativas que são verdadeiras obras de arte.

## ANÁLISE DO CONTO “NATAL NA BARCA”

A seguir, analisamos o conto Natal na Barca, presente no livro *Antes do Baile Verde* (1970), de Lygia Fagundes Telles, e identificamos a ocorrência do fenômeno literário da epifania.

### NATAL NA BARCA

“Natal na barca” foi publicado pela primeira vez em 1958, no livro *Histórias do desencontro*. O conto é escrito em primeira pessoa e narra uma travessia de barca com quatro passageiros solitários em uma noite de Natal.

A barca, historicamente vista como símbolo nefasto da morte enquanto transporte de almas no rito de passagem para o outro mundo, dá à narrativa uma ambientação fantástica, soturna, enfatizada pelo mistério aparente desde a primeira frase do conto. Solitária, na embarcação “desconfortável” e “tosca”, a narradora observa os demais passageiros: um velho “bêbado esfarrapado” e uma mulher “jovem e pálida” que aperta nos braços uma criança “enrolada em panos”. É noite de Natal e o sentimento de solidão é intensificado pelo silêncio dos passageiros.

A narradora, que a princípio quer se eximir de qualquer contato humano (“Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade.”), sente-se atraída pela figura enigmática daquela mulher e começa a lhe fazer perguntas sobre a sua vida. A mulher relata que reside em Lucena e que tomou a barca para levar o filho, de quase um ano, que está doente, a um médico especialista.

Mediante o desenvolvimento do diálogo, a jovem mulher vai relatando, com serenidade, sua história de lutas e perdas: é professora, mora de aluguel com a mãe, seu primeiro filho morreu aos quatro anos de idade, o marido a abandonou e, em plena noite de Natal, precisou sair às pressas porque o filho mais novo estava com febre.

A narradora revela suas inquietações emocionais diante da tranquilidade com que a mulher lhe narra tamanhas desgraças. Quando afirma: “A senhora é conformada”, a mulher responde: “Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.” É através dessa resposta que ocorre a epifania do conto. A partir desse momento, a narradora consegue entender que a fé inabalável, que “move montanhas”, é o elemento estruturador da existência daquela mulher e o que faz com que ela consiga superar até mesmo a dor da perda de um filho.

A mãe relata ainda uma experiência epifânica e sobrenatural vivida após a morte do filho, quando sonhou que Deus lhe segurava a mão e viu o menino brincando com o Menino Jesus no jardim do Paraíso. Ao contrário da personagem-mãe, a narradora parece ter medo de enfrentar o assunto da morte. Uma das tônicas da ficção de Lygia Fagundes Telles é a dicotomia entre a vida e a morte. Neste conto, a ambiguidade entre a data comemorativa do Natal e o ambiente lúgubre ganha ênfase quando a narradora descobre a cabeça da criança e percebe que ela está morta.

Extremamente angustiada, pretende fugir antes que a mulher descubra mais aquela desgraça. Porém, quando a barca chega ao destino, a mulher afasta o xale que cobre a cabeça do filho e exclama: “Acordou, o dorminhoco!”. Para espanto da narradora, a criança abriu os olhos e bocejava. A mulher despede-se desejando um “bom Natal” e desaparece na noite com a criança viva e sem febre.

Interessa-nos menos uma explicação pormenorizada sobre os eventos ocorridos no enredo e mais a reação da personagem-narradora após a deflagração da *epifania*. A partir do instante epifânico em que apreende a força misteriosa da fé, uma realidade outra se faz presente em sua vida. Ainda que o leitor conclua que a narradora tenha se enganado, através da epifania aconteceu o milagre da ressurreição da vida interior da narradora, provocada pelo despertar da fé que a faz, no final do conto, acreditar que, de manhã cedo, o rio, extremamente negro e gélido durante a noite, seja “verde e quente”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio às diversas situações cotidianas que nos passam despercebidas podemos ser surpreendidos por momentos reveladores que nos transformam e nos fazem ter uma nova percepção da realidade em nossa volta.

Como visto ao longo deste trabalho, na literatura, o registro destes episódios de revelação é definido como *epifania*. A epifania pode ser encontrada em diversos gêneros narrativos, como no romance, na

crônica, etc., mas é mais comumente identificada no gênero conto. Isto porque, o conto literário enquanto um tipo determinado de narrativa ficcional tem a especificidade de ser uma forma breve e concisa, que permite a liberdade de enredos sem grandes ações, que primam pelo retrato de um detalhe, ou apenas de um determinado instante.

Para Alfredo Bosi, é tarefa do contista estar atento, se aperceber e registrar estas situações aparentemente banais que os outros “não souberam ver com tanta clareza” e “não souberam sentir com tanta força”. Assim, o contista é “um pescador de momentos singulares cheios de significação”. (BOSI, 1997, p. 9).

Em sua trajetória como contista e romancista brasileira, Lygia Fagundes Telles é testemunha de seu tempo e de sua sociedade, criando narrativas que refletem o mundo, com tudo o que já dissemos: as diversas relações interpessoais, o espaço, os valores, comportamentos e costumes, enfim, tudo o que diz respeito ao humano e à sua condição.

Em “Natal na Barca” (1958), o instante epifânico narrado coincide com o sentido original e religioso da epifania, que é a revelação ou a irrupção da fé divina na personagem-narradora.

Através da análise deste conto, pudemos constatar a presença do fenômeno da epifania na escritura de Lygia Fagundes Telles. Com isto, visamos um aprofundamento futuro deste estudo, a fim de investigar se esta característica identificada nestes contos é recorrente ao longo de toda a sua obra ficcional.

## REFERÊNCIAS

TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do Baile Verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOSI, Alfredo. —Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: *O Conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975. p.7-22.

CANDIDO, Antônio. —A nova narrativa. In: *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CORTÁZAR, Júlio. —Alguns aspectos sobre o conto. In: *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 147-163.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. 11 ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

CARDOSO, Miguel: s.v. —Epifania. In: *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, , consultado em 20-07-2016

JOYCE, James. Epifanias. Tradução de Piero Eyben. 1. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.

MOISÉS. Massaud. Clarice Lispector: ficção e cosmovisão. Estado de São Paulo, Suplemento Literário. 26 set. 1970, p. 1

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Lygia Fagundes Telles. [Caderno], nº 5, São Paulo: IMS (Instituto Moreira Salles), 1998.